



RELAÇÃO PROFESSOR-ALUNO: UM DESAFIO PARA A PRÁTICA DOCENTE

CRSITIANO JOSÉ DE OLIVEIRA
GRASIELA OLIVEIRA SANTANA DA SILVA
DAIANE DE OLIVEIRA SANTANA

EIXO: 5. EDUCAÇÃO E INFÂNCIA

A escola é uma instituição social caracterizada como espaço de construção do conhecimento. Entretanto, vale ressaltar que a relação estabelecida entre seus atores sociais é fundamental para o processo de socialização e descoberta de um mundo dos alunos. O diálogo entre educadores e educandos constitui-se, portanto, no principal caminho para a edificação de uma educação comprometida com a transformação e formação integral do indivíduo. Os sujeitos que fizeram parte da pesquisa foram alunos e professores integrantes da Escola Municipal “Professora Terezinha Pimentel de Carvalho” e professores do Projeto Aprender Brincando promovido pela SASAC da cidade de Simão Dias -SE. O trabalho chama a atenção para a importância da relação professor-aluno dentro do contexto educacional e do brincar como elemento essencial para o processo de desenvolvimento da criança.

Introdução

A escola é uma instituição inserida num todo social mais amplo e complexo. A educação também é tarefa coletiva da sociedade, pois nela atuam diferentes pessoas com suas vontades e culturas e, portanto nela são exercidos múltiplos papéis. É oportuno lembrar, contudo, que a função social da escola ultrapassa a troca de conhecimento sistemático em sala de aula. Ela é também um importante espaço de convivência humana – lugar de socialização, de encontros e descobertas.

O trabalho chama a atenção para a importância da relação professor-aluno dentro do contexto educacional e do brincar como elemento essencial para o processo de desenvolvimento da criança. Nesse sentido, as ações estabelecidas no espaço escolar são fundamentais para o processo educativo do aluno ao possibilitar além da construção do conhecimento o compartilhamento de histórias, experiências, felicidades, tristezas e conquistas. Os sujeitos que fizeram parte da pesquisa foram alunos e professores integrantes da comunidade da Escola Municipal “Professora Terezinha Pimentel de Carvalho” e professores do Projeto Aprender Brincando promovido pela SASAC[i] da cidade de Simão Dias – SE.

O surgimento do sentimento de infância

Durante muitos anos a sociedade esteve estruturada em relações sociais que desconheciam um sentimento característico da infância, não havia um elemento que distinguisse a criança do adulto. Isso pode ser notado em uma pintura do século XI e nas formas de representação da mesma, pois “[...] as três crianças que São Nicolau ressuscita estão representadas numa escala mais reduzida que os adultos, sem nenhuma diferença de expressão ou de traços” (ÀRIES, 1981, p. 51). A arte medieval desconhecia a infância e por isso não procurava representá-la atribuindo uma expressão particular, mas sim como um homem de tamanho reduzido, miniaturizado.

É notória também essa insignificância à infância com relação à família, pois quando as crianças tinham condições de viver sem os cuidados de sua mãe e sem a solicitude de sua alma, já que essa época é marcada por um elevado índice

de mortalidade infantil e a sua sobrevivência tornava-se algo improvável, elas eram postas no mundo dos adultos e se confundiam com estes, passando a serem tratadas desde os primeiros anos iguais aos adultos e assim permaneciam ao longo de suas vidas (ÀRIES, 1981).

Essa relação criança-adulto indistintamente estendia-se por todas as atividades sociais, desde as profissões até os jogos e brincadeiras. Assim sendo, a criança era considerada um adulto em miniatura e a infância nessa época era vista como um estado de transição para a vida adulta. O que importava era a criança crescer rápido para poder contribuir no trabalho e em outras atividades do mundo dos adultos.

Nesse período não havia um traje reservado à infância, pois assim que a criança deixava os cueiros[iii] ela era vestida como os outros homens e mulheres de sua classe social. Àries (1981, p. 70) comenta que “[...] a Idade Média vestia indiferentemente todas as classes de idade, preocupando-se apenas em manter visíveis através da roupa os degraus de hierarquia social”. Vale ressaltar que não havia uma distinção na forma de vestir entre crianças e adultos, pois estes usavam os mesmos trajes que estavam associados à classe social a que pertencia.

Segundo Àries (1981) somente a partir do século XIV a personalidade e particularidade da criança começavam a ser admitidas através da arte, da iconografia e da religião (no culto aos mortos). Tiravam-se retratos das pessoas mortas a fim de guardar a sua alma para que esta, após a morte, não voltasse a incomodar os vivos. A criança geralmente morria muito cedo e acreditava-se que esta não contivesse a personalidade de um homem e que sua alma não era imortal. Com o tempo, embora a mortalidade infantil ainda tenha se mantido em um nível elevado, a crianças passa a ser representada e uma nova sensibilidade é atribuída a esta ao descobrir que a sua alma também é imortal.

E assim, por volta do século XV, surgiram dois tipos de representação da infância: o putto[iiii] e o retrato da criança, até mesmo da criança morta. É por volta do século XVI que a criança começa a aparecer nas efígies funerárias. Foi justamente o elevado índice de mortalidade infantil que começou a provocar o desejo de guardar os traços das crianças que continuavam a viver, ou até mesmo de uma já morta, a fim de conservar sua lembrança. “O aparecimento do retrato da criança morta no século XVI marca, portanto um momento muito importante na história dos sentimentos” (ÀRIES, 1981, p.58). No século XVII a criança começa a ser representada sozinha e passa a ser um dos modelos favoritos dos pintores. Atribui-se a estas crianças uma nova sensibilidade, dada com a evolução do putto e do retrato.

Um novo sentimento da infância havia surgido, em que a criança, por sua ingenuidade, gentileza e graça, se tornava uma forma de distração e relaxamento para o adulto, um sentimento que poderíamos chamar de ‘paparicação’ (ÀRIES, 1981, p. 158).

Com os moralistas e educadores do século XVII a paparicação foi considerada prejudicial, pois tornava as crianças mimadas e mal-educadas. Dessa forma foi proposta uma educação disciplinadora e moralizadora com a pretensão de torná-las, mais tarde, pessoas honradas e racionais. A criança deixa de ser divertida e torna-se “educável” e a família passa a assumir o papel de vigilância sobre seus filhos. Com a aproximação entre pais e filhos, começa a surgir um sentimento de família e a criança passa a ser o centro das atenções (ARAÚJO, 1997).

Com a modernidade algumas mudanças ocorreram de maneira significativa à continuidade e ampliação do sentimento de infância. Essa época é marcada pelo surgimento de várias ciências e suas verdades “absolutas” e “inquestionáveis” e com uma força e velocidade irrefutável, trouxe em seu bojo o projeto para o homem do futuro. Agora “[...] a ciência se coloca como único caminho para se chegar à verdade” (SANTIN, 1987, p. 15).

A sociedade torna-se mais racional e o conhecimento fragmentado a partir do método científico. É em meio a essa racionalização do mundo, do pensamento, do conhecimento que o homem passa a ser, conseqüentemente, bipartido em corpo e mente, sendo está última a guardiã da razão. O corpo passa a ser visto como máquina, sem subjetividade ele vai sendo moldado a partir de uma ordem social.

Todavia, a ciência ao negligenciar a subjetividade do homem reduz a experiência existencial dos sujeitos e, dessa forma, acaba centrando sua atenção apenas no cognitivo do homem. “Esquece-se que os homens são sujeitos reais, concretos e históricos” (SANTIN, 1987, p. 52).

É somente nas quatro primeiras décadas do século XX que, no Brasil, ocorre a legitimação de um novo saber pedagógico, moderno, experimental e científico, que acaba constituindo a infância como um objeto de intervenção disciplinar. Olha-se para a criança como um objeto de estudo e tratamento individualizado, afim de observá-la de acordo com os índices de normalidade, anormalidade ou degenerescência. Buscava-se a partir da publicação de um modelo de Carteira Biográfica Escolar traçar um perfil de cada aluno tendo como características norteadoras o físico, a raça, a hereditariedade e os traços morais e sociais. “[...] deveria confrontar os casos normais dos anormais, para cuidar de cada um segundo o seu valor exato” (THOMPSON apud CARVALHO, 2001, p.298).

O que se pretendia era a formação de classes homogêneas, como também, justificar as desigualdades sociais e explicar o progresso e atraso do povo devido à existência de determinações na natureza dos homens. Educação e saúde passam a ser elementos indissociáveis e necessários ao processo de “regeneração” do povo.

Portanto, a “educação do povo” está alicerçada na campanha educacional associada aos ideais da saúde, da moral e do trabalho e, portanto, a preocupação com os índices de produção e com os ditames da bandeira republicana: Ordem e progresso. Caberia ao professor “[...] garantir que o ‘máximo de frutos’ fosse obtido com um mínimo de tempo e esforço perdidos” (CARVALHO, 2001, p. 307).

Dessa forma, a criança precisa ser cuidada e preparada para também atender às exigências emergentes da sociedade capitalista, que tem como suporte o capital e sobrevive a partir das relações de exploração e desigualdade social, constituídas por classes antagônicas que vivem em condições materiais bastante diferenciados.

O significado de infância passa a ser estruturado e reestruturado no seio da sociedade capitalista vinculado a partir da inserção da criança na sua condição social. Assim, as crianças têm modos de vida, valores e culturas diferenciadas umas das outras que nos permite afirmar que existem infâncias (no plural), fato este que reflete nos diferentes valores do ser criança para o adulto.

Corpo-brinquedo: A relação da criança com o seu processo educativo

A brincadeira é o elemento essencial na vida da criança, pois é através do ato de brincar que ele interage com o mundo e percebe-se enquanto sujeito deste. Na brincadeira deve estar nítida a liberdade, elemento de extrema importância para o desenvolvimento pleno da criança; Schiller citado por Santin (1987, p. 81) afirma que “o homem só se torna completamente humano quando brinca”. Neste sentido, ao brincar a criança forma conceitos, constrói definições, pois ela estará constantemente interagindo com o outro, com o mundo e consigo mesma, construindo-se, portanto em um “ser humano” por entender-se enquanto sujeito social e construtor de seus valores e ideais, ou seja, um construtor de sua própria história.

Na medida em que brinca a criança sonha, explora, imagina, cria, inventa, fantasia, sente, conhece si própria e outros, estabelecendo contato e sociabilidade, ela, portanto, aprende a viver e expressar-se no e com o mundo. É através do brinquedo que a criança “[...] faz sua incursão o mundo, trava contato com os desafios e busca saciar sua curiosidade de tudo conhecer” (OLIVEIRA, 1984, p.10).

Brincando a criança desenvolve-se e enriquece a sua sensibilidade, pois ela imagina, inventa, cria e vive situações diversas e na medida em que realiza tudo isso, formula uma compreensão de vida.

Assim, os brinquedos são de crucial importância para as crianças, pois podem possibilitam um tempo-espaco em que estas podem resistir à tentativa de adestramento, rompendo as amarras da busca excessiva da sociedade em tentar moldá-la, pois através da brincadeira torna-se capaz de se apropriar e reinventar a cultura. O homem brincante é um profundo conhecedor de tudo que o rodeia. Ele descobre o mundo e, ao descobri-lo, automaticamente se descobre, tomando consciência da realidade e de si próprio.

Assim, a brincadeira recheada de criatividade, fantasia e imaginação é uma experiência que deve ser vivida e explorada pela criança, pois conforme esta vai crescendo e experimentando a realidade, desenvolve os meios de apreender o mundo e de entendê-lo. A criança ao interagir com a realidade começa a fazer uma leitura do mundo – o real – que a leva a transformar-se em um sujeito consciente e crítico.

A brincadeira está presente em seu mundo enquanto necessidade de sentir-se viva. O brincar, o lúdico e a diversão são elementos preponderantes na infância: todas as crianças brincam, pois essa é uma condição essencial para o seu desenvolvimento, para a sua inclusão na sociedade, uma vez que é através da brincadeira que ela estabelece relação com tudo que a cerca. O lúdico “[...] quando possibilita a criança afirmar-se como criança portadora de uma natureza humana e social, passa a ser uma atividade vital, necessárias à construção da criança como sujeito histórico e a sua penetração no ‘reino da liberdade’” (ARAUJO, 1997, p. 112).

É relevante citar que dentre as brincadeiras citadas pelos alunos como as que eles mais gostam encontram-se presentes as brincadeiras populares, entre elas: esconde-esconde, empinar pipa, pular corda, etc. São brincadeiras que surgiram em diversas culturas e que mesmo em meio a tantos encantamentos do brinquedo industrializado ainda conseguem resistir a essa influência do mundo consumista.

Nessa linha de raciocínio está inserida a confecção do brinquedo[iv]. Muitas delas utilizam a sucata como forma de contestação à esse mundo capitalista, e com a criatividade e imaginação confeccionam o seu próprio brinquedo, apropriando-se de uma atividade lúdica que favorece a criação, a expressão de sentimento e a explosão/apropriação do ambiente pela criança. A aprendizagem dessa forma se dá na troca de saberes que acontece durante a confecção dos brinquedos e na ação das brincadeiras.

Recuperar e divulgar brincadeiras e brinquedos populares é mostrar uma história muito rica da humanidade e dar continuidade a ela. Faz-se necessário citar que tanto os pais quanto os professores reconhecem a importância da brincadeira na formação da criança. Isso torna-se notório quando eles associam a natureza infantil ao brincar “[...] eu gosto de brincar, sorrir, me divertir” (ALUNO 1).

Nesses momentos o corpo da criança passa a falar através da brincadeira, o seu corpo sente “felicidade” (ALUNO 2), “alegria” (ALUNO 3) e, consegue criar um sentido humano para a sua vida a partir da sua dimensão lúdica, reencontrando na sua natureza infantil, a sua particularidade e sua singularidade. Assim, [...] o lúdico é um elemento presente na vida da criança, mas para que sua expressão máxima manifeste – o jogo – é preciso que haja a suspensão da obrigação e do constrangimento e, que sejam viabilizados espaço e tempo para o seu desenvolvimento” (CARRANO, 1993, p. 70).

Ao brincar a criança consegue penetrar em outro mundo e apropriar-se do lúdico. Portanto, torna-se evidente que o brincar é um elemento essencial na vida das crianças. A brincadeira enquanto uma necessidade de sentir-se viva, pois é através dela que se torna possível sentir-se enquanto um ser dotado de sonhos, ansiedade, desejos, valores, etc. enfim, enquanto possibilidade de ser, sobretudo, humano.

Corpo-educação: A relação professor-aluno no processo educativo

Piaget apud Damazio (1994) vê o homem como transformador da ação sobre o ambiente, um indivíduo sujeito e objeto do seu mundo que ao receber estímulos do meio tem a capacidade de reelaborá-los e decodificá-los, e dessa forma conhecer a realidade a qual está inserido. Assim, o sujeito vai elaborando seus códigos de comportamento conforme experimenta a satisfação ou não de suas necessidades em contato com o mundo externo e com as pessoas.

Nesse sentido, a relação estabelecida entre os atores sociais presentes na escola é vista como ponto fundamental para a construção de um sujeito transformador da sua história e construtor de sua prática social. À medida que vai crescendo e experimentando a realidade a criança desenvolve os seus meios de aprender o mundo e de entendê-lo. Descobrir o mundo é descobrir-se, é tomar consciência da realidade e de si mesmo.

Sabemos que a aprendizagem constrói-se a partir da interação dos indivíduos com o meio (escola, família e sociedade). Todavia, iremos nos deter aqui especificamente, no relacionamento professor-aluno e a influência dessa interação na construção da personalidade do indivíduo. Faz-se necessário destacar que o professor não é o único responsável pela formação de valores e por isso deve considerar todas as experiências que são trazidas de casa pelos alunos, a fim de contribuir para fortalecer os princípios éticos.

De fato, quanto às respostas obtidas a partir dos questionamentos acerca da importância da escola, todos afirmaram que esta é fundamental para a formação integral do indivíduo. Alguns associaram a escola a apenas “um lugar de aprendizagem” (PROFESSORA A), outros a “uma família [...] nossa segunda casa” (PROFESSORA B). Porém, poucos a perceberam como um local onde permeia a troca de conhecimentos, sonhos, valores e até mesmo emoções.

A escola transforma-se em um pequeno mundo infinito, pois contém seres humanos complexos, indecifráveis, verdadeiros universos a se descobrir. Poderíamos até comparar a escola e um grande teatro, no qual, professores e alunos seriam os atores na produção do conhecimento, do prazer de viver, da criatividade e da inteligência crítica, um teatro que ensina o aluno a conhecer o seu mundo e o seu próprio ser.

Compreendemos que para existir um ato educacional é necessário ter fé e amor, pois só esses sentimentos fazem com que os educadores ergam a cabeça e prossigam nessa longa caminhada. São muitas as dificuldades encontradas “[...] falta de material didático” (PROFESSORA C), “desvalorização dos professores” (PROFESSORA A), “desinteresse do aluno em aprender” (PROFESSORA B). Vale ressaltar que todos esses pontos considerados negativos pelos entrevistados, servem de base para que o educador reflita constantemente acerca de sua prática educativa e que em protesto a todo esse sucateamento educacional procurem despertar na sociedade uma valorização para esse bem tão precioso: a educação.

O processo de aprendizagem não acontece em linha reta, esse caminho é acidentado, cheio de encantos e desencantos, o que faz com que em alguns momentos a criança resolva situações com facilidade e, em outros, surge a dificuldade que a leva à busca de uma solução. A função da escola está em procurar despertar no aluno projetos de vida, sentido para tudo que faz. Enfim, formas de participar ativa e conscientemente de seu próprio desenvolvimento humano.

Essa ideia está relacionada ao que Freire (1987) denomina de “leitura de mundo” do educando, maneira correta que o educador tem de com o educando, e não sobre ele, tentar a superação de uma maneira mais ingênua por outra mais crítica de entender o mundo. Respeitar a leitura de mundo do educando é tomá-lo como ponto de partida para a produção

do conhecimento.

O diálogo entre educadores e educandos constitui-se, portanto, no principal caminho para a edificação de uma educação comprometida com a transformação e formação integral do indivíduo. A verdadeira relação educativa se faz com um vínculo de confiança recíproca, ter respeito para com os alunos é a postura de um educador consciente.

A construção de um bom relacionamento humano é fundamental para o processo educativo, estruturado num ambiente onde há calor humano, respeito, aceitação e ajuda mútua. Na edificação do conhecimento vem inserida uma formação de pessoas, que por sua vez vem associada a uma construção do coletivo, repleto de respeito e afetividade.

É por estarem inseridos nesse espaço de humanização e interação, que os entrevistados acreditam que a educação é uma atividade necessária à transformação social, uma educação estruturada no diálogo e na emoção, levando o aluno a saber olhar para si e para os outros como necessários para uma vida empreendedora, saber reconhecer seus limites e respeitar os outros. Segundo os professores entrevistados, o papel do educador está em proporcionar “[...] uma educação aberta ao diálogo, ter compromisso com aquilo que faz e estar constantemente repensando no seu papel educacional” (PROFESSORA A), “ser acima de tudo um pesquisador e um construtor de espaços onde reinem os sentimentos” (PROFESSORA B), “que prepare o aluno para a vida e que conseqüentemente prepare-se também, porque a educação se dá através de uma troca mútua de conhecimentos” (PROFESSORA C).

Dessa forma, concordamos com os entrevistados, no sentido de que o professor deve constantemente repensar a sua prática pedagógica e buscar construir, juntamente com os alunos a escola. O diálogo constitui-se na ferramenta educacional importante e insubstituível no processo educacional.

No decorrer dessa análise percebemos que a criança aprende por meio de uma integração entre ela, o mundo e os outros; e que essa estrutura de situações e experiências ajudam-na a assimilar uma maneira de entender o seu mundo da vida. Assim, aprendem valores, culturas, conceitos, maneiras de fazer e ser; aprendem a conhecer o seu próprio mundo e essência humana.

Para que isso aconteça é imprescindível que os professores executem uma ação educativa comprometida com o desenvolvimento global do educando, e também, que seja consciente do papel que desempenha como “agente de mudança”, no sentido de garantir ao aluno um espaço de autonomia e participação e, nesse sentido, dar-lhes as condições mínimas para uma leitura de mundo que leve a situar-se como sujeito consciente, crítico e criativo.

Considerações Finais

A escola é uma instituição inserida num todo social mais amplo e complexo. Hoje há consenso sobre o fato de que a educação é uma tarefa coletiva da sociedade, pois nela atuam diferentes pessoas e vontades e, portanto, nela são exercidos múltiplos papéis. É oportuno lembrar, contudo, que a função social da escola ultrapassa a troca de conhecimentos sistemáticos em sala de aula. Ela é também um importante espaço de convivência humana – lugar de socialização, encontros e descobertas.

Alves (2003) divide o ato educacional em dois momentos mágicos. O primeiro refere-se à necessidade de interrogar e compreender o que vemos fora de nós, a nossa realidade. E é a partir do modo como vemos e nos relacionamos com as coisas, com os outros e com o mundo, que iremos dar expressão à nossa liberdade, singularidade do nosso destino. O segundo momento mágico da educação é aquele onde finalmente podemos começar a escrever a nossa vida, única e irrepetível.

A educação deve, portanto, estar estruturada em três formas de aprender: aprender a aprender, aprender a ver e aprender a ser. Aprender a aprender é a primeira lição na busca paciente do conhecimento, ampliando os próprios horizontes, alargando as próprias fronteiras, pavimentando as próprias esperanças. Aprender a aprender como se constrói o próprio futuro.

Deve-se também aprender a ver a essência das coisas que, muitas vezes, escapa aos olhos. Enxergar além das aparências. Aprender sempre a ver com o olhar crítico, com o coração, com a consciência e com a alma. Um rico aprendizado.

E, por fim, aprender a ser. Eis aí mais uma grande lição a ser aprendida e vivida. É um desafio permanente da escola e família nessa construção humana de cada dia. Aprender a ser gente em toda a plenitude.

ARAÚJO, Vânia Carvalho. **Criança**: Do reino da necessidade ao reino da liberdade. 2ª edição. Edufes: Vitória/ES, 1997.

ARIÈS. Philippe. **História social da criança e da família**. 2ª edição. Guanabara: Rio de Janeiro. 1981.

CARRANO, Paulo César R. "Se der tempo a gente brinca": o lúdico e o lazer da criança que trabalha e estuda. Contexto & Educação: Corporeidade, prazer e jogo. In: **Revista de Educación em América Latina y El Caribe**. Ano VIII. Vol. 29. Editora UNIJUÍ: Rio Grande do Sul. Jan/Mar, 1993.

CARVALHO, Marta Maria Chagas de. Quando a história da educação é a história da disciplina e da higienização das pessoas. In: **História social da infância no Brasil**. São Paulo: Cortez Editora, 2001.

DAMAZIO, Reinaldo Luiz. **O que é criança**. Coleção Primeiros Passos. 3ª Edição. Editora Brasiliense: São Paulo, 1994.

OLIVEIRA, Paulo de Sales. **O que é brinquedo**. 2ª Edição. Coleção Primeiros Passos. Editora Brasiliense: São Paulo. 1984.

SANTIN, Silvino. **Educação Física**: Uma abordagem filosófica da corporeidade. Editora UNIJUÍ: Rio Grande do Sul. 1987.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 17ª edição. Editora Paz e Terra. 1987

[1] SASAC – Sociedade de Apoio Sócio Ambientalista e Cultura – foi criada em 06 de novembro de 2002 e desenvolve ações com população de baixa renda, agricultores e jovens rurais, com o objetivo de proporcionar o exercício da cidadania plena.

[1] Faixa de tecido que era enrolada em torno do corpo.

[1] Forma de representação da criança nua.

[1] Dentro do universo de pesquisa foi possível constatar que uma das ações educacionais desenvolvidas pela PROFESSORA B é a construção de brinquedos com sucata. Os alunos constroem os brinquedos orientados pela mesma e, todos que forem confeccionados farão parte do projeto Cantinho do Brincar.

Cristiano José de Oliveira. Licenciatura Plena em Educação Física pela Universidade Tiradentes –UNIT. Especialista em Treinamento Desportivo pela Faculdade Amadeus, Mestrando em Educação pelo NGPED/UFS.

Grasiela Oliveira Santana da Silva. Licenciada em Educação Física pela UFS; Mestre em Sociologia pela NPPCS/UFS, Professora pela Secretaria Estadual de Educação de Sergipe. grasielaoss@hotmail.com.

Daiane de Oliveira Santana. Licenciada em Educação Física pela Faculdade de Ciências Humanas e Sociais – AGES, Mestranda em Ciências da Educação pela Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, Professora do Departamento de Educação Física da Faculdade AGES. daianesantanaedf@gmail.com.

Recebido em: 05/07/2015

Aprovado em: 05/07/2015

Editor Responsável: Veleida Anahi / Bernard Charlort

Método de Avaliação: Double Blind Review

E-ISSN:1982-3657

Doi: